# ERA NOVA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Antonio Coelho de Paiva

ANNO I | Parahyba, 27 de março de 1921. | NUM. 1


Senhorinha MARIA DO CEU SILVA

Antonio Coelho de Paiva

134

**A Redacção não se responsabiliza por ideas e conceitos expendidos nos artigos de seus collaboradores.**

**ANNUNCIOS** previamente justos com o director-commercial da Revista

**COLLABORADORES:**

Dr. Carlos D. Fernandes
Dr. Americo Falcão
Dr. Flavio Maroja
Dr. Alvaro de Carvalho
Dr. Octavio Soares
Celso Mariz
Dr. Manuel Tavares
Dr. José A. de Almeida
Dr. Alcides Bezerra
Cong. Dr. Pedro Anizio
Prof. Coriolano de Medeiros
Professor Abel da Silva
Prof. Juvenal Coêlho
Dr. João da Matta
Dr. Sá e Benevides
Dr. Adhemar Vidal
Padre Mathias Freire
Vicente Falcone
Rocha Barretto
Dr. Jonas Montenegro
Dr. Elpidio de Almeida
Dr. Diogenes Caldas
Dr. Lauro Montenegro

## SUMMARIO



## ASSIGNATURAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| Capital — Anno | 15$000 | Numero avulso — Interior | $700 |
| Interior — Anno | 20$000 | Numero atrazado | 1$000 |

# ERA NOVA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA





SOCIEDADE ANONYMA — OFFICINA GRAPHICA DA "IMPRENSA OFFICIAL"

ANNO I || Parahyba, 27 de março de 1921. || NUM. 1


## ESTA REVISTA

Apresentamos em publico o primeiro numero desta revista, cujo emprehendimento nasceu de despretenciosos intellectuaes, que visam apenas, sem vaidades nem ambições, o desenvolvimento literario de nosso meio, cooperando em pról das idéas fecundas, que são o apanagio intellectual dos povos cultos.

Hemos de nos esforçar por fazel-a um orgam de publicidade que interesse a todas as classes e preparal-a com meticuloso acuramento, tornando-a variada, amena, sabendo a todos os paladares na exuberancia de suas especialidades, esclarecendo, dest'arte, ao industrial e ao commerciante, ao leitor burguez e ao leitor letrado e incentivando ao mesmo passo o amor dos jogos desportivos com illustrações e applausos.

Entraremos de apreciar a vida politica e administrativa sem, por isso, termos o menor rebuço de partidarismo.

Desde os primeiros passos na objectivação desta idéa que de difficuldades inexpugnaveis se não nos antolharam, empecendo os planos de acção e desanimando-nos com o pessimismo daquelles de quem esperavamos um franco e incondicional apoio para o bom exito do nosso intento?! Mas, de tal maneira temos sabido vencer com resolução e denodo que hoje tiramos a lume nossa revista, confiantes no successo da tentativa e, se um dia, se desmoronar a fortaleza de nossas convicções, affirmaremos como o genio de Haya, «que a ignominia está em fraquear no proposito, não em perecer no combate».

A' medida que as iniciativas salutares e magnificas se destróem com as gerações descrentes e temerosas e novos horizontes se vão dilatando ante os olhos argutos da mocidade esperançosa, retemperam-se os espiritos avidos de saber no crisol sacrosanto da coragem e da abnegação e se fortificam e crescem e luctam, batalhando pelo amor das causas santas, que os rejuvenesce, que os depura, que os sublima.

Se bem que o jornalismo em nosso paiz tenha decahido de sua gloriosa posição de reivindicador do direito, de protector do misero, de defensor da liberdade, para se polluir no terreno mesquinho da exploração particular, do industrialismo politico, das descrenças malbaratadas e das controversias recalcitrantes, não nos demove o principio são e resoluto de fazel-o o alampadario do culto á moral, do temor á lei, do respeito á ordem.

Em face das catilinarias virulentas de nossos periodicos noticiaristas e dos elogios baratos e indigestos que nos empanturram o espirito, vem preencher lacuna bem sensivel um orgam que tenha por escopo a utilidade publica, o incremento das letras, correspondendo, assim, ao desenvolvimento do meio.

E é por esta razão que se faz mister, a par do divulgamento do ensino, uma folha criteriosa e desapaixonada, cujos fructos sazonados emanem directamente das necessidades collectivas.

A Imprensa, quando livre e sobranceira, é o braço forte e recto que conduz os povos, domina as insurreições e aos govêrnos democraticos aponta a aurora de uma existencia nova.

Sem ella não ha govêrno que se não olygarchize ou constituição que se não conspurque.

Para que a palavra escripta tome, neste mester, a forma lapidaria da verdade, é preciso primeiramente quebrarmos o aguilhão de nossas paixões na bigorna da opinião publica.

Não temos outros compromissos, nem os desejamos ter, senão de discutir as questões, longe das tendencias parciaes ou pessoaes, adscrevendo-nos aos preceitos da moral, ao acatamento da ordem e á integridade da justiça.

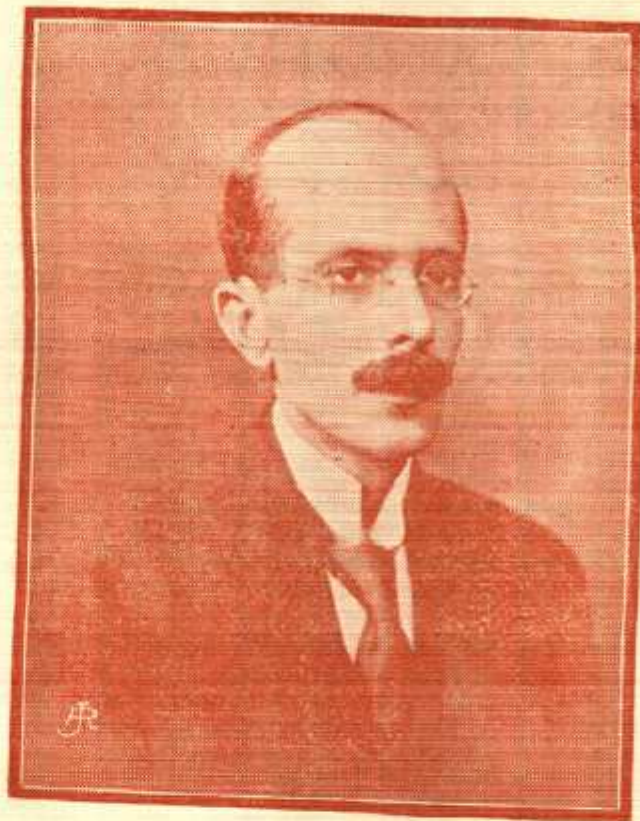
*Ad augusta per angusta*

## "ERA NOVA"

*A razão deste titulo enquadra se no entranhado amor que a direcção deste magazine consagra á cidade de Bananeiras, terra natal de grande maioria de quantos redigem esta revista, com o honesto proposito de impelil-a para os mais risonhos destinos.*

*Bem sabemos que houve em Pernambuco e no Rio de Janeiro dois periodicos com esse mesmo titulo, ambos assignalados por um grande exito nas suas ardorosas campanhas em pról de nossa religião e de nossa pat-ia. Mas, nessa época também, alguns moços bananeirenses alli estamparam uma pequena* ERA NOVA, *em que se concentravam os seus idéaes e aspirações de arte, letras e civismo.*

*A adopção deste titulo é, pois, uma devida e saudosa homenagem aos pioneiros daquelle orgam de imprensa, que foi um dos precursores da publicidade naquella terra tão pingue de naturaes riquezas e cidadãos illustres.*

# DR. SOLON DE LUCENA

Surge a nossa revista no fausto dia natalicio do exmo. sr. dr. presidente do Estado.

Este preito de vassalagem devia-o a «Era Nova» ao filho illustre de Bananeiras, a quem a fortuna guiou para o elevado posto de arbitro de nossos destinos num quatriennio arduo e cheio de imprevistos.

As honras que a Parahyba rende hoje ao estrenuo defensor das liberdades, em cuja bocca a palavra democracia tem significação verdadeira, assumem o caracter de verdadeira consagração, pelo merito que têm de espontaneidade e fervor.

A sympathia que lhe acompanha o nome, [illegible]nde quer que elle surja, no seio das classes [illegible]ltas como nas camadas populares, vem-lhe [illegible]os da auctoridade que incarna do que de [illegible]ma nobre e bem nascida.

[illegible]na irradiação viva dessa bondade, que [illegible] estrato primeiro de seu temperamento e o indicio manifesto de suas virtudes civicas e moraes. Dá-nos a medida exacta de seu valor moral e força intima.

E', com effeito, o dr. Solon de Lucena o homem de sua raça, de seu meio, de sua época.

Escudado na concentração de suas potencias, onde repoisa o segredo da suprema energia que alcança desenvolver, sem alhear jamais de si o senso das responsabilidades, mostra-se o dr. Solon de Lucena á altura de sua missão, o homem de govêrno talhado para o momento, firme e prudente, suave e forte, esclarecido, justo, sempre recto e aprumado.

Dahi a homogeneidade de sua vida publica: chamado pela segunda vez a dirigir os negocios do Estado, eis que se nos apresenta com a mesma hombridade, o mesmo criterio, o mesmo desassombro e audacia de sinceridade que cinco annos atrás ao substituir no govêrno o seu grande amigo, o saudoso [illegible] Antonio Pessôa.

Sua politica é, de preferencia, a p[illegible] causas que não a dos corrilhos. E' [illegible] da verdade que elle abraça com toda [illegible]

A esta consciencia de escól e desinter[illegible] senta bem o elogio de Ollé-Laprune a [illegible]

«Sou feliz em reconhecer quanta sei[illegible] se transfundiu em vosso pensament[illegible] me que assim o diga em vossa alma[illegible]

Com ufania saúda a «Era Nova», [illegible] ciosa data de hoje, o homem de ta[illegible] gido e arraigadas convicções que no[illegible] da a paz, conjugando as bôas vontad[illegible] bem, aos surtos de progresso ainda [illegible] dá novo alento, e arrecada e enthesou[illegible] da previdente preciosos cabedaes por[illegible] nhã desabrolhem em fructos e se [illegible] em glorias das mais lidimas para [illegible]

# A' margem da obra litteraria de Afranio Peixoto

A obra litteraria do sr. Afranio Peixoto, como romancista, consta de três livros: *A Esfinje*, *Maria Bonita* e *Fruta do Mato*, cuja leitura venho de concluir.

Afranio, medico, conhecedor como poucos da sciencia de Esculapio, foge, ás vezes, aos dominios da psychiatria, da medicina legal, para nos dar, nessa obra de ficção, aprazíveis momentos espirituaes.

Esses romances valem, só por só, para consagração dos talentos do escriptor; uma critica severa lhes poderia apontar erros e falhas, eu, ao revez, prefiro, ante a obra do sr. Afranio Peixoto, tomar a attitude daquelle celebre professor Cornuski, de que nos fala o lapidario Fradique.

A nugas, nada.

A preoccupação primordial do auctor da *Poeira da Estrada* é a psychologia da mulher, o que realisa, aliás com invejavel capacidade artistica, através de um estylo simples, attrahente e elegante. Seus typos principaes são femininos e toda a sua obra move-se em torno de questões de amor, velho thema que ainda tem alguma cousa de novo, quando inspirado por escriptor de tão fino quilate.

A *Esfinge*, livro de estreia, que para logo proclamou os talentos do medico romancista, é um estudo das mundanidades do Rio, do *flirt* nas rodas chics de Petropolis, das tricas politicas do Amparo com a classica philarmonica e a intolerancia do fanatico partidarismo das facções dos meios provincianos.

A mulher da *Esfinge* é Lucia, producto de falsa educação moderna, que vive na alta sociedade fluminense gafada de seducções e de gosos.

O outro, baptisado no nome de *Maria Bonita*, parece-me a mim o melhor. Maria é toda suavidade, doçura, meiguice; bondosa e, sobretudo, pura. Mas, para gaudio das feias, o nascer bonita constitue muita vez á fortuna da mulher um grande maleficio: *a belleza lhe infelicitou a vida*.

O romance todo impregnado da ternura della é de um enredo encantador, mas de um desfeixe tragico.

Um dos capitulos mais emocionantes é o em que está pintada a scena de uma kermesse com côres, tão ao natural, que parece a gente ouvir de viva voz os lances e outros pormenores desses tradicionaes leilões.

Ahi o sr. Afranio Peixoto, com rara penetração psychologica, narra-nos a lucta desegual do canoeiro João, o humilde marido de Maria e o rico dr. Luiz, ex-namorado desta, no apreçarem a prenda que ella doara á Nossa Senhora.

A alma simples e altiva do modesto canoeiro vibra de dor, sentindo a sua honra de esposo conspurcada! E o homem esgota o ultimo vintem, por cobrir os lances do outro que lhe não offerece possibilidades de triumpho.

Finalmente, o romancista faz João cobardemente, de emboscada, matar o rival poderoso, que levava para casa o mimoso lencinho de Maria.

Já *Fruta do Matto* me encontrou o espirito forrado de viva sympathia intellectual pelo auctor, nascida da forte emoção esthetica que os outros me produziram.

Acabo, como disse, de concluir a sua leitura. E' um grosso volume de 333 paginas, já na segunda edição, o que vale affirmar o apreço em que é tida a obra do notavel hygienista patricio.

A mulher de *Fruta do Matto* é Joanninha, formosa e tentadora, exquesita e terrivel.

A acção do romance realiza-se em Cannavieiras, nos tempos da monarchia. Abre o livro o conto de Oracinha, ingenua rapariga cercada de três adoradores, typos de homens sem vontade, irresolutos, que a deixam numa indifferença pasmosa, numa timidez estupida, entregar-se a um Pulcherio qualquer, "um typo á tôa," com quem foge sem lhe importarem as consequencias do escandalo.

Vem depois o conto de Salvina, um typo extranho de mulher sertaneja, forte na ... sação e na rigidez do caracter. No *Chichio*, ... indesejavel fazenda de tão tragica tradição, ... sua historia é conhecida. Por livrar-se a um casamento sem amor, imposto pela auster[a] vontade dos paes, Salvina fugira com Bene-dicto com quem vive sob o mesmo tecto, d[a] qual passa como *obrigação*, sem lhe pertence[r] jamais!

Ha, certa noite, na fazenda um desafio a[o] pé da viola, em que tomam parte Salvina [e] Sebastião. Este faz vivas allusões ao caso si-[n]gular de Benedicto e vai dahi uma lucta ent[re] os dois homens, da qual Tião sae victorio[so] fugindo com a mulata.

Oracinha e Salvina, porem, apagam-se deant[e] da bisarra figura dessa «famosa» Joanninha, per-sonagem central do romance, morbida e [in]comprehensivel nos seus extraordinarios cap[ri]chos de mulher mysteriosa e paradoxal.

Casada, não se contenta á vida sagrada [do] matrimonio, deseja abandonar o augusto san-tuario do lar, fugindo com quem ... parecem.

Ninguem se furta aos seus olhos encanta-dores, ao seu "sorriso promettedor," desde o ingenuo, pathetico Eliazario, ao prudente e arredio dr. Virgilio.

E o assassinato de Americo, seu ... o epilogo ao romance, que é um ... res da litteratura brasileira.

S. Guimarães

## EXTREMOS

Viver para sonhar, viver a vida
Subjectiva de amor do visonario,
Desfiando de prazeres o rosario
Dentro da desventura mais sentida:

E' interpretar o doce bem da vida.

Morrer, sentindo alegre a suave morte
Que nos conduz aos paramos do sonho,
Mostrando o aspecto sem pezar, risonho,
De quem se entrega a placido transporte:

E' interpretar o doce bem da morte.

*Ildefonso Bezerra*

# A nossa urbs e o modernismo

... annos se iniciou o movimento trans-... da nossa *urbs*, accentuado nestes ... tempos de modo notavel.

A cidade está mudando sensivelmente de aspecto. Perde a sua feição colonial para vestir a mascara uniforme da civilização.

Ha quem se rejubile com isto e deseje que a mudança seja completa, radical. Não deve ficar pedra sobre pedra. Todos os predios antigos devem ser demolidos, ou pelos menos transformados, vestidos á moderna, hediondez para a qual a esthetica já não tem qualificativo.

Para essa nevrose de modernismo não ha remedio. Ella tem causas profundas, complexas e variadas.

Somos um povo sem raizes, sem tradições, sem historia.

Como individuos e como nação vivemos sómente o momento que passa. O passado e o futuro não são categorias da nossa sensibilidade.

Só uma coisa nos preoccupa: a derradeira moda. O que não traz o sello da mais fresca

Esta ansia mal sã de que o Brasil perca, no mais breve tempo possivel, o chamado depreciativamente, *aspecto colonial*, deve ser combatida em nome da arte e da historia.

Não possuimos, é verdade, monumentos architectonicos que, pela sua originalidade e gosto, rivalizem com as cathedraes gothicas da França e da Allemanha ou com os palacios da epoca do Renascimento. Mas temos por exemplo aqui na Parahyba alguma coisa que merece apreço. As fachadas dos nossos templos são verdadeiras obras d'arte.

Entre os predios publicos se destacava até ha pouco a casa do erario, ultimamente delegacia fiscal, soberbo e acabado modelo da architectura portuguesa que e inqualificavel banditismo de conhecidos incendiarios destruiu. Hoje substitue o antigo e elegante predio um outro sem valor architectonico, que, se não envergonha a cidade, é uma das provas mais cabaes do nosso mau gosto ...

A arte de construir, digamos entre parenthese reclama estudos, aptidão e senso esthetico.

Deve o architecto levar em conta não só

gantes de esty os varios, retratando o cosmopolitismo hodierno!

Fradique Mendes, aquella extraordinaria creação de Eça de Queiroz, sem rival nas literaturas mais ricas, queria que o seu Portuga[l] conservasse o seu trajar de outrora — liberto do nivelamento que a civilização, com os seu[s] modelos impõe por toda a parte impiedosamente, destruindo a pristina originalidade.

Ramalho Ortigão, homem de prol em critic[a] de arte, causticou com ferro em braza os des[truidores] das reliquias architectonicas de su[a] patria. O seu livro pequeno e magnifico — O culto da arte em Portugal — merece lido po[r] todos que se interessam por esse assump[to] palpitante.

Sem o omnimodo culto do passado não s[e] forma uma pujante nacionalidade. Quem di[z] patria, diz tradição. O culto do passado ...

Acceitemos as creações modernas em todo[s] os ramos da actividade, ellas são as expressõe[s] naturaes do nosso tempo e se impoem tyran[n]icamente. Não ha força de vontade que no[s]

modernidade já não tem valor para um grande numero, sobretudo de jovens, que faz a sua cultura esthetica e moral no cinematographo, maravilhosa invenção que a ganancia dos exploradores das paixões inferiores está transformando num instrumento de perversão dos costumes.

Que poderoso concorrente ao romance francez de tres francos e cincoenta, o vasadoiro das fezes de uma civilização que apodrece irremissivelmente!

Assim, a lucta do antigo com o moderno, que noutros tempos não era tão intensa e precipitada, agora, graças ao cinema, se torna mais vehemente.

O meio americano é propicio ás mais intensas transformações. A columna barometrica da historia pesa menos do lado de cá do Atlantico.

Nós brasileiros somos talvez o povo menos apegado á tradição, facto interessante de psychologia ethnica que não encontra explicação em nossas origens lusas.

... [e]ntanto, deviamos seguir o exemplo dos ... superiores, que haurem sua fortaleza ... conservadoras.

... citar os povos essencialmente ... como os inglezes, os suissos, ... Poderiamos ficar no meio ter... ...os e allemães.

a proporção das linhas, revelada em relações numericas, como a resistencia dos materiaes e as condições do meio, tudo isto subordinado ao fim a que se destina o predio.

O nosso clima requere um typo especial de casa de residencia, dotada de amplas janellas e portas e largos alpendres e sem os salões interiores que não recebam luz directa, os quaes ...

O isolamento das residencias impõe-se de um modo absoluto. Mereceria os maiores louvores o prefeito que conseguisse do Conselho Municipal uma rigorosa lei nesse sentido e a cumprisse á risca. O dr. Guedes Pereira, com o conhecimento que tem dessa materia e as condições excepcionaes de prestigio com que assumiu o cargo, bem poderia dotar-nos de modelar legislação a respeito desse magno assumpto.

Fechemos o parenthese.

O ideal seria conservarmos a nossa velha cidade tal como era ha poucos annos, com algumas modificações impostas pelo progresso, sem que ella perdesse o aspecto de vetustez.

Que prazer para os espiritos bem dotados, capazes de sentir esse embriagador perfume do passado, contemplar, lado a lado, uma cidade velha, com suas casas de trezentos annos e uma cidade nova com as suas vivendas ele-

subtraia do ambito de sua influencia constan[te] geral, presente em tudo e em toda a parte.

Mas não sacrifiquemos sómente no altar [do] modernismo, o idolo dos tempos que corre[m]. Reservemos um logar nos arrabaldes de no[sso] affecto ás coisas idas. Syncretisemos o c[ulto] do novo e o culto do antigo, alargando os [ho]rizontes do nosso espirito pela exacta comp[...]

Quizera que essas idéas conservadoras ... sem defendidas pela mocidade victori[osa] confiante que lança na arena da public[idade] esta revista. O seu nome «Era Nova» ... nome suggestivo aos amantes do passad[o] ...

Não creio que os moços desta tenda ... balho intellectual arvorem em program[ma] combate do antigo em nome das exig[encias] da modernidade. A mocidade de hoje ... experiente do que a de outrora.

O renovamento na vida intellectual é ... e não a excepção, por isso se succed[em] escolas artisticas e literarias e se mod[ifica o] gosto.

Dentro, porém, dessas inevitaveis m[udanças] da vida deve haver logar para as forç[as con]servadoras, que prendem o remoto pas[sado ao] futuro.

Contemporaneo das grandes mudan[ças que] diversificam as feições da nossa *urbs*, nã[o] ...

pensar no problema do modernismo, sem temer pela sorte della.

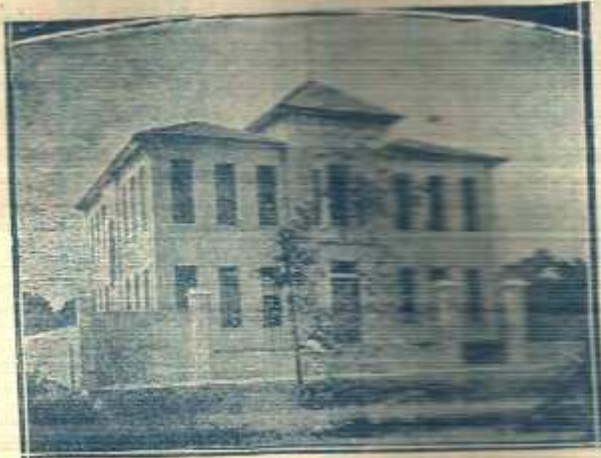
Dentro de poucos annos terá perdido todo o seu pittoresco e será uma banal cidade moderna como tantas outras que se [illegible] nas zonas ferteis. O cunho, que parecia indelevel, de três seculos se terá apagado completamente.

Evitemos essa perda esthetica, conservando taes como estão os principaes monumentos architectonicos.

O que encanta a quem visita a nossa terra é a Parahyba antiga com os seus bellos templos e a ingenua architectura de suas casas velhissimas, já deformadas aliás por inestheticas platibandas.

Na Inglaterra, certa feita, a Camara dos Lords [illegible] uma commissão de artistas [illegible] a passagem de uma linha ferrea não [illegible] a parte de riqueza pu[illegible] pela tranquilla e doce poe[illegible].

Quando virá o dia em que os nossos lycurgos [illegible] leis que protejam o nosso patrimonio artistico?

A. B.

GRUPO ESCOLAR ISABEL MARIA DAS NEVES

# Ave maris stella!

Cançado das tempestades de agosto, o mar espreguiçou-se no lençol de suas aguas verdes, limpidas e marulhosas. Os pescadores recomeçaram a faina: *estorvavam-se* anzóes, ageitavam-se as bibulhas, as linhas de corso eram tingidas de cuipúna, reforçavam-se os itaassús, preparavam-se as chumbadas de pesca nos itacys, os velhos e meninos cuidavam das pindaúbas, recortavam-se velas, enfim crescia a actividade, augmentavam as esperanças nos preparativos da pesca que promettia ser abundante. Toda povoação da Penha com a sua casaria rustica de palhas, despertava sob o coqueiral extenso que parecia rir-se ás cocegas do vento a soprar do largo. No cimo do oiteiro beijado pelas frescas aguas do Cabello, como surgindo das franças do arvoredo secular que se engrimpava do valle pela encosta, erguia-se, como benção do ceu, a pequena ermida que guarda segredos innumeros de milagres incriveis!

E ao avistar do mar alto a egrejinha da Penha, Malaquias se descobriu como pedindo graças para a jangada que fora comprar e agora trazia de Ponta de Pedras. Instantes depois corria numa vaga para o comoro da praia, onde já se reuniam os entendidos. Deitaram rolos sobre os quaes deslisou a jangada até o Cabedello proximo onde foi examinada, percutida, revistada.

—Duzentos e cincoenta, heim Malaquias! e que tal o paquête?

—Ah meus amigos, a *Feiticeira* vale o que pesa. A' popa, nem por isto mas a bolina, Deus do ceu! é um agulhão de vela!

E ficou a [illegible] a jangada, cuja vela branca, [illegible], enfunada, seccava ao sol e ao vento, até que uma palmada ao hombro fez-lo voltar-se.

—Estás bom?

—Ah Felismina nem te senti! Olhava a *Feiticeira*, heim, que tal? . . .

E a moça, noiva do pescador, riu-se de um modo particular que só os dois comprehendiam.

—*Feiticeira?!* repetiu a joven, e ficou tambem a sorrir á jangada.

*Feiticeira*... mas este era o nome carinhoso que Malaquias dera á moça, desde o dia em que se prometteram.

* * *

Os praeiros entregaram-se á sua profissão. Outubro passava limpo, bonançoso, e as pescarias do alto estavam abundantes. Corriam *mantas* de cavallas, albacóras e bicudas! Malaquias andava radiante; dizia á noiva que a jangada quasi *estava forra* e esperava que os seus amigos teriam motivos para não esquecer-lhe o dia do casamento marcado para novembro, com a festa da padroeira.

Como de costume, certa manhã, galgou a jangada e velejou para o alto. A's onze horas *ferrou* a primeira cavalla, depois outra e outra. Continuou a *corsear*; pelas duas da tarde, porem, *levantou-se o tempo*, cahiu de improviso e ao tombar da noite, os habitantes da Penha consternados verificavam que só a *Feiti[...]* não voltara do mar!

* * *

Noite de agonia para uma noiva! Felism[...] na levou-a em claro e da orchestração formi[...]davel das vagas e dos ventos, como que ouvia clamores soturnos, gemidos abafados, pedidos de soccorro! Alta noite desceu á praia, per[...]quiriu anciosa até o pontal do Cabo Branco altaneiro, insolente, focinhando o Atlantico. Depois voltou-se para o sul, chegou a meio caminho das barreiras de Jacarapé. O sol veio encontral-a com os olhos cravados no oceano, querendo obrigar-lhe uma palavra de conforto. Sentia a moça que lhe faltava tudo, porque sem saber porque, com as jangadas de volta ao surgir da lua sem noticias do noivo, e mais uma noute em claro, lhe renasceu do intimo um claro de esperança. Subiu cambaleando a ingreme ladeira de ermida e no esforço nem ouvia o ruido dos seixos tombando nos alcantis, cahindo no precipicio.

A manhã estava explendida. Felismina chegou offegante no largo da egrejinha onde fora com o voto irrevogavel de ficar-se alli, para sempre ou até voltar-lhe o noivo! Ajoelhou sob o alpendre, depois de olhar o oceano que azulecia ao longe como uma franja do ceu. Fitou no frontal os relevos de uma inscripç[...] que leu varias vezes sem comprehender o sentido. Mas lhe veio á mente que aquelias palavras deviam ter sido proferidas um dia por uma pessoa tambem em angustias e, se alli as escrevera, é porque tinham virtudes divinas. Cheia de fé começou a repetil-as e nem soube como, sentiu-as encher-lhe a memoria, desviar-lhe o pensamento. Tentou reavivar as dores, mas a inscripção enchendo-lhe a alma toda, acariciava-a, enlevava-a, dominava-a, martelava-lhe a memoria; e foi se deixando vencer até que descahindo a fronte contra a pilastra adormeceu. E sonhou; sonhou com o seu no[i]vado, entre rizos e flores, entre danças [...] tares. Quanto tempo dormiu? Acordou a [...] da felicidade do sonho. Ao abrir dos o[...] sua primeira lembrança foi para a realidade brutal de sua desventura e sentindo que alguem se approximava voltou-se. Era Malaqu[ias] [...] um remo ao hombro e seguido de p[...] e mulheres.

—Tu?!...

—Escapei, Felismina! Nossa Senhora val[eu-]me; escapei neste remo de govêrno e ve[nho] collocal-o aos pés da Santa!

A joven enchugou as lagrimas da aleg[ria] depois lembrando-se da inscripção, das p[ala]vras miraculosas, chamou o noivo ordenan[do-]lhe:

—De joelhos, e já que não sabes ler [...] commigo as palavras que te salvaram!

E um após outro, e com elles todos pe[sca]dores, repetiram tremulos, emocionados p[...] mais profundo respeito:

—Ave maris stella!

**Coriolano de Medeiros**

NO PROXIMO NUMERO

**DEMOGRAPHIA**

Pelo conego Dr. Pedro Anizio

# O HOMEM...

—Sae dahi, sae dahi, sem vergonha! — E deu um ponta-pé nos quadris do pobre ani[illegible] um olhar sentido.

Depois espiou-o com indifferença, accendeu um cigarro, poz-se a escrever, a escrever tal fez uma carta, uma carta para a amante, para mulher que veste pyjama, exaltecendo-lhe as [qu]alidades do coração, do espirito, do corpo...

Fez pausa ligeira e tornou a espiar, mais [um]a vez, a tranquilla passividade de sua vi[cti]ma. A' distancia, alli, alli no canto da gar[illegible] cão seguia os minimos movimentos de seu dono sem alma. Seguia-o nos [illegible] seus minimos passos, nos seus minimos detalhes. Teriam certamente os seus olhos de doçura ineffavel derramado algumas lagrimas de dôr? Certamente. O queixo descançado no tapete escuro, o pello estirado na sua belleza animal, assim permaneceu a pobre besta, assim ficou até o instante em que a rispidez do amo, num movimento imprevisto, fez um gesto qualquer, um gesto quasi inexpressivo, por ser involuntario na sua estupidez.

Sereno, em sua attitude de cachorro, anceiava um momento para agradar, para ser util [e]m caricias, para ser bom, agir com alegria, [ab]anando a cauda branca de cysne branco. Quiz levantar-se. Seria possivel?

Nada, não foi comsigo que elle acenára. O gesto acompanhou-se apenas de algumas palavras indiscintas. Resmungou. Mais nada. No emtanto seria conveniente arriscar. Poderia [ta]lvez ser uma caricia que se esboçára e que [s]e estinguira antes de crescer.

A victima reflectiu ligeiro: sendo assim era [b]om aventurar... O esboçado é o signal evi[d]entissimo de um desejo que continúa existindo. [D]emais o cão nasceu para ser cão, ser cão de [v]erdade, authentico, sómente cão.

O termo, entretanto, generalizou-se, malba[r]atando sua verdadeira expressão. E' vulgar [d]enominar-se o que não presta neste mundo [c]om a alcunha por que é elle classificado [i]ronicamente na galeria dos nobres animaes. [I]njustiça, ha bastante injustiça nisto.

E com o passo medido, focinho circumspecto, [s]ahiu muito manso, arrastando-se, humilhado, [a]cercou-se do seu amigo, do seu despota, [d]o seu algoz—transformações por que passava, [c]onforme as horas bôas ou más.

Um certo momento, o homem buliu a mão esquerda, descendo-a até ás meias. O cão, o fiel amigo, julgou o acto um preparativo de affagos. Precipitou-se, lambeu-a, lambeu-a ainda com mêdo, pressuroso de alegria, desconfiado de incerteza.

Emquanto isto, o escriptor de cartas amorosas, implorador de beneficios, mostrando, porventura, nas linhas deixadas no papel o perdão que dispensava ás coisas injustas, sacudiu-lh[e]

Emquanto isto, o escriptor de cartas amoro-

novamente os pés, ainda mais frenetico, violento, deshumano.

[illegible] ali que deveria permanecer. Ora, era alli! O seu destino de cachorro era para soffrer quando o homem quizesse, era tao somente ser feliz conforme a vontade delle, um tyranno e covarde ao mesmo tempo.

Mais humilhado ainda, [illegible]

estava, olhando-o agora estiradamente, melancholicamente. No intimo parecia não se haver arrependido no que fizera. E não [illegible] repetir a mesma scena constantemente, sempre [illegible] questado fosse.

Sim, estaria prompto sempre. E' que a tanto sua posição comportava: era ella de cachorro, emquanto a de seu dono é de homem, homem de consciencia...

**Adhemar Vidal**



# MARINA

(Ao J. J. Gomes da Silva Junior)

Uma noite, talvez á luz da lua cheia,
palhaços foliões, passando pela aldeia,
ouviram sua voz...
E o rapto consummou-se, então, ligeiramente:
levaram-n'a, chorando, á turba indifferente,
num gesto vil, atroz.

Cresceu. Fez-se mulher. E a face côr de rosa,
e labio de carmim e a graça donairosa
desta gentil cigana
fizeram della, então, a fonte de riqueza
do bando explorador coberto de villeza
pela orgia mundana.

⁂

Muitos annos viveu, assim, por entre as feiras,
cantando nos kan-kans de sordidas rameiras,
sem ter uma illusão...
Um dia ao saltitar no meio de uma praça,
captivo do seu riso e feminina graça,
ficou-lhe um coração.

Marina (era seu nome), apenas seu olhar
fitou ligeiramente aquelle negro par
de doces olhos ternos,
tornou-se desde logo a triste, a pensativa,
como alguem que acalenta a dor mais forte e viva
de doces olhos ternos,

Findou fugindo á *troupe* e, alegre e palpitante,
ditosa, procurou os braços desse amante
que ha muito era o seu sonho.
O moço recebeu-a, assim, por entre beijos,
ancioso de matar chimeras e desejos

⁂

*Foram ambos, depois, viver por entre encantos,*
[illegible]
[illegible]
numa linda vivenda envolta de arvoredos
onde toda manhã cantavam seus segredos
[illegible]
[illegible] fora a vida um sonho aberto,
um goso só, sereno e delicado e certo
das venturas do amor.
Mas, como tudo passa e foge sobre a terra,
e toda felicidade um sonho máo encerra,
lhes veiu breve a dor.

⁂

O moço era um doente; um pobre tresloucado,
para quem todo amor, por mais fiel, sagrado,
que um coração resume,
é sempre duvidoso e falso e vão, perjuro,
e deixa dentro d'alma alheia o cháos escuro
nascido do ciume.

Desde então, entre os dois, da vida ao dia-a-dia,
eram scenas de magoa.. e foi ficando fria
essa união de outrora:
Elle foi, desde então, mais aspero, brutal,
e chegava a mostrar-lhe, ás vezes, o punhal,
mandando-a porta á fóra.

A misera tornou-se agora cadaverica
ao ver-se desprezada. E, feminina, hysterica,
já não cantava mais..
E, vendo morta assim a sua amiga esp'rança,
começou de sonhar mil formas de vingança,
tyrannas, deseguaes...

⁂

Afinal... alta noite, aos raios do luar,
ás sombras do jardim do pequenino lar...
de tranças desgrenhadas,
Marina, acocorada ao pé do corpo exangue
do amante esfaqueado e todo envolto em sangue,
cantava, ás gargalhadas...

**Jonas Montenegro Sobrinho**



VINHOS EXTRANGEIROS e CERVEJAS

**OURIVESARIA PINHEIRO**
DE
JOSÉ PINHEIRO
DOURAGEM E PRATEAÇÃO

Nesta casa fabrica-se joias de ouro e tartaruga, faz-se qualquer gravura em alto e baixo relevo, concerta-se relogios e joias de toda especie.
Vende-se material para relojoeiros e ourives; como tambem oculos e pencinez em qualquer grau ou tamanho etc.

RUA DA REPUBLICA N. 792

---

**TINTURARIA**
**e LAVANDERIA LUSITANA de HENRIQUE WYLLER**

Executa com perfeição qualquer lavagem de casemiras, flanellas e sêdas, usando processos em sêcco para os tecidos finos e delicados, fazendo tambem tingimento de roupas de casemiras em todas as cores. Tem em grande attenção os processos chimicos que usa para a maior conservação dos tecidos.

LAVAGEM DIARIAMENTE
Rua Maciel Pinheiro N. 292
PARAHYBA DO NORTE

---

**BRITO LYRA & C.**
**FAZENDAS**
VENDAS EM GROSSO
Rua Maciel Pinheiro — Parahyba do Norte

---

**Mariano Falcão**
DENTISTA
TRABALHOS GARANTIDOS
RUA MACIEL PINHEIRO N. 148
PARAHYBA

---

TRABALHOS ARTISTICOS
**Belizio Ferrer**
OURIVES
Rua Barão da Passagem, 578.
EXECUÇÃO PERFEITA

---

**A "PHENIX"**
de NELSON & COMP.
PONTO CHIC
Bebidas finas, conservas, bombons, doces, queijos, chocolates e sorvetes.
TELEPH. N. 221 — END. TEL. "PHENIX" — C. POSTAL 109
RUA DUQUE DE CAXIAS N. 354
PARAHYBA DO NORTE

---

**CUNHA IRMÃO & C.**
Rua Maciel Pinheiro
Estabelecimento de 1.ª ordem
FAZENDAS EM GROSSO

filhos, na certeza de os havermos creado para a vida nova, a tua resurreição.

Assim, Senhor, quizessem resurgir em ti os povos, que te não creem.

A esses em vão procuramos dar com o apparato dos codigos humanos a lei, a ordem, a liberdade. Sua sorte é extinguirem-se, porque não tiveram fé, não sentem a religião do Resurgido, que não é só o evangelho das almas regeneradas, mas a bôa nova das nações fortes. Essas absorverão a terra a bem do genero humano, emquanto as outras acabarão como raças de passagem. E por sobre o futuro, que ha de ser a tua glorificação, na voz das creaturas e dos ceus se ouvirão para as hosannas da teu triumpho: Resurgir!

*Ruy Barbosa*

# Echos de arte

## CONCERTO SYMPHONICO

O concerto symphonico é a mais pura expressão da arte musical.

Assim considerando, Beethoven abandonou o theatro, tendo já escripto *Fidelio*, e dedicou-se quasi que inteiramente á musica symprocessos orchestraes de então e a creação de novos effeitos sonoros, a independencia heroica da maior organisação musical que existiu ainda.

Nas seguintes symphonias Beethoven traduz a sua vida em estados successivos, em moda

Star americana — *PRISCILLA DEAN*

phonica, ás symphonias, que revelam, nos seus themas profundamente humanos, as tonalidades de uma alma destinada ao soffrimento, á angustia que aos trinta annos já torturava com a surdez o caracter que assim se definiu:

«Fazer todo o bem possivel, amar acima de tudo a liberdade e, nem por um imperio, atraiçoar a verdade».

Entre as nove symphonias de Beethoven está a *Heroica*, composta *em lembrança* de um

lidades apaixonadas e philosophicas. A quinta é a lucta do homem contra o destino; na *Pastoral* descreve as alegrias da vida da natureza; a setima é a sua dolorosa separação de Thereza de Brunswick, a «Immortelle bien aimée».

Emfim a nona é um hymno de amor e de felicidade; a ascenção gloriosa de Beethoven; o maior monumento musical que existe no mundo.

Da terceira symphonia a *Heroica*, a banda

concerto, no Theatro Santa Rosa, executar segundo movimento: Marcha Funebre.

Isto nos parece uma temeridade, uma afc tesa necessaria da nossa melhor banda music audacia que a sociedade parahybana preci comprehender e amparar.

Os concertos são promovidos pelo «Centr Parahybano do Rio de Janeiro», cujos esforço não se devem dispersar e perder-se, o que re velaria uma bôa prova de máo gosto do nos povo.

Se bem que todos tenham direito de ama á vontade, de accordo com o proprio temp ramento como Dumas Pae, de quem Berli disse que «detestait même la mauvaise m que», não cremos e com bôas razões q nossa sociedade se molde á maneira da nização do escriptor francez.

Pelo contrario. O nosso meio qual ou afinado ou não, é susceptivel de educação, nando-se amante, até apaixonado, pela musica.

Não visam outro fim directo os conc da policia no Santa Rosa.

Depois disso não mais diremos que é dantismo detestar a toada xoxa e gramop nica do «Pé de Anjo» e quejandos.

O programma do primeiro concerto se seguinte:

PRIMEIRA PARTE

1.ª—Symphonia do Guarany — Carlos G
2.ª—Cantos Populares Russos.
3.ª—Marcha Funebre da Heroica—Beethov

SEGUNDA PARTE

4.ª—Hymno ao Sol da Iris—Mascagni.
5.ª—Le songe d'une nuit d'été—Mendelsohn
6.ª—Tanuhaüser—Wagner.

A inclusão da *Symphonia do Guarany* n programma que, pelo seu fim, devia ser co pletamente desconhecido de nosso publico, justificavel: afóra o valor intrinseco da ob de Carlos Gomes, a necessidade de uma peç nacional auctorisou a inclusão.

A Escola Italiana está representada por Mascagni, que com Puccini, Leoncavallo e Giordano forma o grupo dos *veristas*.

A marcha funebre da *Heroica*, «Le so d'une nuit d'été» e Tanuhaüser respectivam são na musica allemã representativas da es classica, romantica e dramatica.

Se resultado algum ficar dos concertos p movidos pelo «Centro Parahybano», reste-lh aos musicos o consolo de terem concorr para o aperfeiçoamento de um ponto princip na educação da sensibilidade de uma gente.

A. N.

A alma parahybana, sem mesmo excepçã de sua fina flôr, parece ligar pouca importan cia a tudo quanto sejam surtos d'arte.

Tomar da palêta, dos pinceis, das tint desdobrar-se em ridente harmonia de côre desfiando-se em encantadoras gammas, qu bordam na tela a magia das nossas praias, poetar dos nossos coqueiros, o quebrar d nossos mares, o galvotar das nossas jangadas aos olhos da nossa Parahyba—é fazer jús a seu desprezo.

Não ha negar!... A pintura em nosso mei é tida, por certo, como obra de indesejave é uma como dynamite—arrepia todo mund

Enthronizam-se, entretanto, em nossas sala grotescas ampliações photographicas que b ram como palhaços, sob um ridiculo colorid a pastel; appõem-se chrômos de toda sort mas não ha em todo este Estado quem p sua qualquer cousa do genial Pedro Amer

E és tu, Parahyba, o berço desse grande to, e, por isso mesmo, és uma como Jeri lém dos pintores, erguendo para os Genes pare os Fredericos, para os Olivios o calv da tua pyramidal indifferença.

engala, a baile, a recepções em Colmeia; ofreceste espectaculo de benificio ao professor orza, piscaste um olhinho ao Balthazar, seredando-lhes: vejam como eu sou toda alma nte um quadro de arromba... E compraste a erdoenga *Praia de Olinda* e mais a *Manhã de uz*, de Mauricio; adquiriste alegremente algumas copias de Forza e alguns quadros de Balazar, que a teu convite, por certo, se tornou ofessor de pintura, pontificando naquella cola de Bellas-Artes, que morreu tuberculosa.

Gostei muito de ver-te boquiaberta ante aquella mysteriosa *Licção de Piano*, que não n'a adquiriste por *causa do seu altissimo* preço 3:500$000!...

Dás, estou certo, a alma ao diabo por tudo quanto não seja teu.

Ante a indifferença que me envolve, tentando tolher-me os passos, costumo dizer aos meus amigos botões:

Si o genial pincel de Pedro Americo, que assombrou a Europa, não conseguiu sensibilizar a tua alma, que faremos nós, pobres trocatintas?..

ganizou um programma que, de certo, preencherá todas as necessidades a que alludimos.

Com a fundação da "Era Nova", temos em mira consagrar uma das suas secções aos assumptos palpitantes da vida sportiva parahybana, illustrando-os mesmos com photographias e caricaturas, os quaes interessarão, certamente, aos *sportsmen* patricios. Não o fazemos no presente numero pela falta de dados sobre estes acontecimentos, aguardando-nos para a proxima edição.

## O Campeonato de 1920

Realizou-se domingo p. passado o jogo que decidia o campeonato de 1920, cabendo a palma da victoria ao querido alvi-celeste.

Esse encontro, que teve logar no campo do club vencedor, foi o mais desanimado de todos da temporada sportiva que vem de se encerrar.

O inimigo que o Cabo Branco enfrentou, o destemido S. Paulo, apresentou-se desfalcado, o que deveras concorreu para a victoria do campeão de 1920. Isto não quer dizer que o C. B. tambem não se apresentasse desfalcado, mas os seus elementos de reserva são optimos jogadores de segundo team e bons de primeiro.

A pugna foi intelligentemente actuada por Arthur Riques de Souza, que soube dar desempenho cabal e satisfactorio á sua missão.

O team vencedor foi o seguinte:

Mirocem
Rossi—Villela
Oliveira—Vinagre—Trajano—Antonio—Bahia
—Alfredinho—Aurelio—Gomes.

Com o resultado desse jogo, fica o C. B. como campeão para 1920, das duas divisões.

O team-campeão da 2.ª divisão é este:

Mario
Sorrentino Dias
Aguiar—Olegario—Soldadinho Armando—
Maximo Filú Polegada—João Augusto.

SEDE DA SOCIEDADE DE ARTISTAS E OPERARIOS MECANICOS E LIBERAES

Sociedade beneficente que ha mais de quarenta annos vem prestando inestimaveis beneficios á nobre classe operaria parahybana.

# Pelo mundo dos desportos

E' um facto que já se vae notando na Parahyba o desenvolvimento sportivo em quazi todos os seus generos.

Ultimamente fundou-se nesta capital, com melhores probabilidades de exito, o *Club do Remo*, que ha muito se fazia mister, dado notavel surto de progresso da cultura physica de nossos jovens conterraneos e da falta ... de uma sociedade de desportos nauticos.

Ultimamente não nos têm faltado destes moços de energia e de visões largas nesses misteres, como os enthusiastas fundadores do *Club do Remo*.

... O foot-ball até agora vae campeando em largas proporções em virtude de não terem os outros jogos congeneres sido cultivados com o devido interesse, pela falta de estimulo das pessôas representativas do nosso meio desportivo.

Não queremos com isto negar o reconhecido valor deste apreciado jogo britannico, que faz hoje parte integrante da vida das pessôas amantes de semelhantes divertimentos.

Lamentamos, porém, que certas sociedades desportivas de nossa terra vivam a alimentar em o seu seio o destruidor germen da rivalidade, ... deste modo de alcançarmos uma posição de relevancia nos sports entre as principaes cidades do nosso paiz, onde se cultivam com carinhoso desvelo os diversos desportos conhecidos.

A *Liga Desportiva Parahybana*, que conta com elementos prestigiosos e de destaque em todas as classes sociaes, tem em vista o desenvolvimento desses jogos, por cujo fim or-

# TURF

## A corrida de 6 do expirante, em S. Paulo — O grande premio de 15:000$000

Apesar do temporal que cahiu na capital paulista, naquella data, não deixou de ser animadissima a concorrencia dos *turfsmen* ao prado da Mooca.

Era de grande interesse o pareo „*Grande Premio Jockey Club*", com os premios de 15:000$000 para o 1.º logar, 5:000$000 para o 2.º, 3:000$000 para o 3.º e 1:000$000 para o 4.º

"*Mercante*", montado por D. Suarez, com geral surpreza, ganhou esta prova por um corpo, distando do 3.º por 4 corpos.

"*Mercante*", tordilha, de 4 annos, filha de Plata, e de propriedade do sr. João Damiani, levantou este grande premio debaixo de enthusiasticos applausos.

Fazia-se ali notar a presença de innumeros *turfsmen* cariocas e com toda esta "crise" que o nosso Brasil atravessa o movimento do ... dido pareo foi de 48:800$000, attingindo o movimento total a 160:000$000.

E é de lastimar que o prado da Para... se encontre sob abandono, podendo, aos domingos, proporcionar-nos algumas horas agradaveis sensações.

AVL...

# NOTAS SOCIAES

—Decorreu no dia 22 p. passado a data anniversaria do sr. Attilla Paranhos da Silva Velloso, escripturario do Banco do Brasil nesta capital.

O distincto moço, que é muito estimado na repartição onde exerce a sua actividade e na sociedade parahybana pelos seus invulgares dotes de espirito, teve opportunidade de receber naquelle dia as mais robustas provas de apreço e estima, por parte de seus collegas e amigos.

Ao sr. Attila Velloso, *Era Nova* cumprimenta muito affectuosamente pela passagem daquella grata ephemeride.

Hontem: Dr. Sinval Borba, medico em Fortaleza;

*mlle.* Laura Rodrigues Pereira, ornamento de destaque em a nossa sociedade.

Hoje: *Mme* Avany Monteiro Barbosa, consorte do sr. Bartholomeu Barbosa;

Jahir, filho do dr. Octacilio de Albuquerque, deputado federal.

—

Amanhã: Acad. Luiz Leal Fernandes, secretario do Serviço estadual de Defesa do algodão, acad. Luiz Castelliano, primeiranista da Faculdade de Medicina da Bahia.

Dia 29: Bacharelando Nelson Lustosa Cabral, da redacção d'*A União*.

Dia 5 de abril: *Mme.* Henriqueta Pessôa Ramos, esposa do sr. Antonio Ramos, fiscal da pesca, e sobrinha do exmo. sr. presidente da Republica.

Dia 2: Anniversaria nessa data o dr. Diogenes Caldas, inspector agricola federal neste Estado e nosso illustre collaborador.

—

Dr. Raúl Machado, poêta patricio e promotor militar em Pernambuco.

—

VIAJANTES

DEPUTADO SIMEÃO LEAL—Retornou antehontem pelo *Pará* á capital da Republica, após uma permanencia de dois mezes nesta cidade, o sr. dr. Simeão Leal, politico em evidencia no Estado e digno representante da minoria no Congresso Federal.

S. exc. viéra á Parahyba repousar dos arduos trabalhos parlamentares e, ao mesmo tempo, cuidar da sua reeleição, na qual foi muito suffragado.

Ao illustre viajante, que regressa com a sua exma. familia, auguramos bonançosa travessia.

A bordo do paquete *Pará*, embarcou-se para o Rio de Janeiro o sr. dr. Vicente Falcone, nosso prezado collaborador, e redactor do *Rio-Jornal* e da *Razão*, que se editam na metropole.

O joven jornalista patricio achava-se entre nós ha alguns mezes, em visita á sua terra natal, aproveitando a opportunidade para despedir-se de sua exma. familia em vista de viajar por estes dias para a Europa.

—

Esteve ligeiramente nesta capital, cuidando negocios particulares, o sr. cel. José Pereira Lima, prestigioso chefe politico de Princeza e deputado á Assembléa Legislativa do Estado.

No horario de 1 e 20 toma passagem hoje com destino á cidade de Bananeiras, acompanhado de sua exma. esposa, o sr. Joaquim de Medeiros, cirurgião-dentista com clinica naquella localidade.

—

CASAMENTOS:

Consorciaram-se em principio deste mez, na cidade de Bananeiras, o sr. Joaquim Costa, professor publico de Esperança e a gentil *mlle.* Emilia Gonçalves, sobrinha do sr. major Antonio Botelho, encarregado da secção telegraphica daquella cidade.

## ENLACE LEITE-LUCENA

...ectuou-se no dia 10 do mez expirante o ...e matrimonial do sr. Waldemar Vianna ... com a prendada *mlle.* Virginia de Lu... filha do exmo. dr. Solon de Lucena, ... do governo.

... jovens recem-casados, que fruem em o meio social as mais evidentes provas de ...adas sympathias, receberam por motivo ...ile acto copiosas felicitações a que fazem ...elos seus inconfundiveis predicados mo...

...das familias dos noivos, compareceram as seguinte pessôas: Cavalheiros: drs. Flavio Marója, Democrito de Almeida, Guedes Pereira, Joaquim Pessôa, Manuel Tavares, Getulio Lins da Nobrega, Alvaro de Carvalho, Lima Mindello, Manuel Azevêdo, João Espinola, Sá e Benevides, Adhemar Vidal, Mario Madeira dos Santos, Anastacio Perengrino, conego dr. Pedro Anisio, comte. João Florencio, cel. Segismundo Guedes Junior, cap. Elysio Sobreira, Paulo de Lucena, Celso Mariz, Severino de ... Guimarães, Manuel Dantas, Amaro Nunes, Bazilio de Mello, cel. Baroncio de Lucena, Pedro Gaudiano, prof. Matheus Ribeiro, Janson Lima, Ruy Araújo, Manuel Vianna, Oswaldo Pessôa e dr. Matheus de Oliveira; *mmes*: Guedes Pereira, Oswaldo Pessôa, Matheus d'Oliveira, Sá e Benevides, Matheus Ribeiro, Janson Lima, Celso Mariz, Manuel Dantas e Amaro Nunes; *mlles.*: Maria Siqueira, Eloah e Maria de Oliveira, Hilda, Geny e Annita Coutinho, Branca Siqueira, Mocinha Benevides, Cleonice de Lucena e Moça Vianna.

# A proposito da "Era Nova"

A retrêta na praça Com. Felizardo ia em meio, num destes ultimos domingos de março... Havia um *trottoir* continuo de senhoritas e rapazes, alguns grupos onde os circumstantes descreteavam sobre assumptos varios, com intelligencia e espirito.

*Mlle.* que até então se conservára de um mutismo irreverente e de surprehender, perguntou de chofre:

—Que me diz o sr. da *Era Nova?* Como já deve saber a Parahyba vae ter dentro em breve, graças á iniciativa de um grupo de moços, uma revista com este titulo.

—Titulo feliz, aliás, aparteámos.

—Feliz, diz bem. A nossa capital sem que possa, todavia, figurar entre outras de vida agitada e de mundanismo effervescente, já comportaria um magazine moderno e bem feito.

—Sobretudo para agitar mais um pouco o movimento social da cidade.

—Concordo! Creio mesmo que tal se consegueria com um pouco de persistencia e bôa vontade.

—Se bem que com uma grande dóse de trabalho *mlle.*

—Perfeitamente. Mas o sr. que vive no ambiente de jornal reconhece de sobra que da imprensa depende em grande parte estes commettimentos.

Creia-me, sinceramente, que me entristeço por verificar que o seu Recife não possue uma revista de mundanidades.

—De facto, o Recife tem tido diversas iniciativas, neste particular, mas todas ellas morrem quasi que no nascedouro.

—A perspectiva do apparecimento da *Era Nova* é uma perspectiva que me sorri. Desejaria ver, e note o sr. que com bons olhos, o successo da mesma. Como outro não é o juizo que faço dos moços que a lançarão á publicidade, talentosos e decididos, penso, que a *Era Nova* poderá vencer galhardamente. O que se exige é que seja um trabalho perfeito com informações mundanas, serviço de *clichérie* completo, chronicas sportivas e outras cousas indispensaveis á feitura de uma revista moderna, num seculo como o de hoje.

Neste ponto da *corserie* interrompemos:

—De modo que *mlle.* tem um programma neste particular. Penso mesmo que seria v. exc. um dos bons elementos de victoria da revista que vae surgir.

—Sempre a perversidade.

—Perversidade? V. exc. naturalmente me perdoará se comprehendeu nas minhas palavras alguma ironia, que não existe absolutamente; comprometto-me a retirar a phrase.

—Conserve-a, repito.

—Ao contrario *mlle.* Accreditte-me v. exc. um grande admirador do seu espirito.

E neste ponto da palestra:

—O sr. não quer ouvir a musica? Ouçamos o *Trovador.*

E' sempre mais agradavel ouvir ironias, ouvindo musica.

—V. exc. *mlle.* está hoje de uma maldade extranha...

—Maldade? —Sim quando digo maldade não quero acreditál-a má. Vejo a apenas menos bôa e menos tolerante do que de outras vezes.

—Effeito do calor, talvez.

—Vamos a um gelado?

—E depois não queira o sr. que eu comprehenda ironia nas suas palavras. A minha Parahyba ainda não tem uma casa que para tal se preste, um ponto chic.

—Desculpe *mlle.* Effeito da força do habito.

Mais uns instantes e as despedidas. Pela praça ainda um grande movimento de familias.

*Alfredo Silveira*

# SURREXIT

Resurgir! Toda a doçura e todo o vigor da fé se resumem nesta palavra. E' a flor do Calvario, a flor da cruz. O tremendo horror daquelle martyrio tenebroso desabotôa neste sorriso; e a humanidade renasce todos os annos a esse raio de bondade, como a formusura da terra á alegria indizivel da manhã, o preludio do sol, o grande bemfeitor das cousas. O homem, cercado pela morte de todos os lados, não podia conceber este ideal de eternidade, se não fôsse por uma réstea do seu mysterio radiante, divinamente revelado ás creaturas. Nossos sonhos não inventam; variam apenas os elementos da experiencia, as formas da natureza. Tem a phantasia dos viventes apenas uma palheta; a das tintas que o espectaculo do universo lhes imprime na retina. E, no universo, tudo cae, tudo passa, tudo se esvae, tudo finda. Nesse desbotar, nesse perecer de tudo, não havia o matiz, de que se debuxou um dia, na consciencia humana, o horizonte da resurreição.

Resurgir! Digam aquelles que têm amado, e sentiram a sombra da agonia projectar-se no semblante de um ente estremecido, qual a impressão que lhes traspassava o seio nesses momentos de infinita amargura. Digam os que fecharam os olhos a seus paes, a seus filhos, a suas esposas. Digam os que já viram apagar numa cabeça inclinada para a terra a belleza, o genio, o heroismo, ou o amor. Digam os que assistiram regelados, ao assentar da ultima pedra, sobre o ataude de um coração, pelo qual dariam o seu. Digam que outra é, nesses transes, a vibração do peito despedaçado, senão esta: o sentimento da perda irrevogavel. Quem senão Deus mesmo, nesse sossobro final de todas as esperanças, poderia evocar do abysmo taciturno, onde só se ouve o cahir da terra sobre os mortos, esta alegria, este alvoroço, este azul, esta irradiação resplandecente, este dia infinito, a resurreição?

Resurgir! Deus nosso, tu só poderia ser o poeta desse cantico, mais maravilhoso que a creação inteira; só tu poderias extrahir da angustia de Gethsemani e das torturas do Golgotha a placidez, a transparencia, a segurança deste consolo; dos teus espinhos, esta suavidade; dos teus cravos, esta caricia; da myrra amarga, este favo; do teu abondono, este amparo supremo; do teu sangue vertido, a reconsiliação com o soffrimento, a intuição das virtudes bemfazejas da dor, o prazer ineffavel da clemencia, a prelibação da tua presença nesta alvorada, o paraiso da resurreição.

Resurgir! Tu resurges todos os dias, com a mesma periodicidade, com que se renovam os teus beneficios e as magnificencias da tua obra. Nega-te a nossa maldade. Nega-te a nossa presumpção. Nega-te a nossa ignorancia. Nega-te o nosso saber. Mas de cada negação te ree gues, deixando vasios os argumentos, que negavam, como o tumulo, onde dormiste tr'ora um momento, para reviver de finados. Entre o termo de um secul broso e o começo de um seculo impen essa sciencia, que te pretende remover dominio das lendas, surprehende-se agor lumbrada na região do maravilhoso, onde se parecem tocar as coisas da terra com as do ceu, em pleno amanhecer qual pairas como pairavas no principio dos tempos, e de cujo chaos, decifrando os problemas humanos, emergirá outra vez a tua palavra, dardejando em plena resurreição.

Resurgir! Senhor, porque nos déste uma lingua tão pobre na gratidão! Todos os que já descemos a segunda vertente da vida, e deixamos de nós ao genio humano os fructos vivos, que nos déste, somos levados hoje a pensar no que seria a passag aquelles, a quem ainda não tua a imagem da nossa resur homens então como as folhas res, precedendo-se, seguindo- na continuidade esteril da q diavel do seu termo silencio vam para a morte. As mãe para o tumulo. Bem haja crença daquelle, que nos re brio destino a paternidade hoje a bemaventurança de

MATER CASTISSIMA



# MATER CASTISSIMA

(INEDITO)

Fui eu que te plantei, mangueira-rosa,
Que me estás a pagar pingues tributos
Com a sombra tutelar da fronde airosa,
Carregada de flôres e de fructos.

Fecunda mãe de flancos impolutos,
Que amamentaes com seiva milagrosa;
Á alada grei dos passaros argutos
Já te frequenta, te desfructa e gosa.

Cheia de jaldes, roridos recamos,
Sob o sol da manhã, que te inebria,
Glorificas a Deus pelos teus ramos.

Harpa eolia, que pulsa á ventania,
Refugio de xexéos e gaturamos,
Zimborio de frescura e de poesia.

CARLOS D. FERNANDES

# AS FLORESTAS

Attendendo a um pedido, envolto na maxima gentileza, feito por alguns redactores da «Era Nova», venho, perfunctoriamente, ferir um assumpto que talvez não saiba bem a todos os leitores, mas que, nem por isto, deixa de ter alguma importancia e interesse.

Quanto mais a presente revista surge com um programma que lhe é uma garantia segura de longa vida, não estando, parece, fadada á sorte de muitas outras, cuja passagem transitoria nem sempre é porque lhe mingúa estimulo e sim por falta de tacto de seus fundadores, que se circumscrevem a assumptos que, absolutamente, não podem satisfazer a todos os leitores, por lhes fallecer variedade.

E' esta lacuna que vem preencher a actual revista. Varias são as questões de que trata, de modo que todas as partes deparem o que lhes andar ao sabor e é mesmo impulsionado por essa largueza de programma que vou, em traços ligeiros, referir-me ao papel das florestas.

Já se acha bem arraigada no espirito de muita gente a opinião de que as chuvas são um effeito da floresta, e que, portanto, nos logares em que esta falta se tornam fataes as estiagens. Não esposamos, porem, tal idéa. Temos a floresta como um effeito das precipitações pluviaes e não como causa. As chuvas são produzidas por um conjuncto de factores varios, cada qual mais poderoso, e são elles: o relêvo do solo, os ventos pela sua natureza e direcção e a pressão atmospherica.

E o motivo por que no Estado do Amazonas são frequentes as chuvas é a sua baixa pressão atmospherica, para ahi convergindo as correntes aereas, o contrario do que se dá na Africa.

Huxley, na sua «Physiopgaphy» diz o seguinte:

"Examinando-se a distribuição das chuvas, vê-se que ella é regulada em parte pelo aspecto physico do paiz e em parte pelo caracter dos ventos dominantes. Nas proximidades das montanhas, a chuva augmenta desde que uma massa de ar humido seja impellida a subir ao longo da montanha, não só pela ascenção para regiões mais frias, mas tambem pela expansão que soffre!!

Não é pois, como originadora de precipitações pluviaes, que devemos lamentar a derrubada de nossas mattas. Se assim fosse, se não explicaria o facto de serem paizes de area florestal muito exigua favorecidos nimiamente de chuvas, ao passo que outros cobertos de densas e grandes florestas estão sujeitos a estiagens prolongadas. E' o caso da França, que sendo de maior riqueza florestal que a Inglaterra, tem sido nella registada menor quantidade de chuvas que no Reino Unido. Emquanto nesta ha regiões em que foram registados: 3.275 m. m. d'agua cahida por anno, na França o maximo attingido foi de: 890 m. m., em Lyon.

Demais a influencia exercida pela floresta sobre a temperatura do ar das regiões circumjacentes, despidas de vegetação, é extremamente limitada. Experiencias pacientemente feitas por Willis Moore induziram-no a assim pensar, desviando-se por completo das idéas que até então mantinha attribuindo ás florestas um papel exaggeradamente benefico nas precipitações pluviosas.

Não se infira, porem, do que acabamos de expor que somos partidarios da devastação das mattas. Ju'gamos que estas devem ser industrialmente aproveitadas, não lobrigando razão de ser jeremiadas ridiculas em torno de uma arvore que o machado derruba. E' mais uma face do espirito piegas, ultrasentimental, que tão pouco praticos nos tornam.

Agora o que se faz mister é praticarmos a replantação, porem dum modo racional, obedecendo a um certo methodo para assim valorisarmos as nossas madeiras. E' de todos sabida a heterogeneidade de essencias nas nossas florestas.

Uma verdadeira Babel de especies é o que ellas são.

E' a essa mistura estonteante de especies que se deve por termo, fazendo-se o plantio em terras imprestaveis á agricultura, de uma só especie, cuja madeira se saiba de vantagens reconhecidas para o fim que se as destinam. E é isto que está praticando a Companhia Paulista de Estrada de Ferro com as suas vastas plantações de eucalyptus, visando utilisal-os como combustivel em suas locomotivas. Vem a pello citarmos sobre o assumpto Eduardo Prado:

"As nossas florestas, alem de seu papel fertilisador pelos saes de suas cinzas, pelas lenhas de seus destroços, deixada depois do incendio e pela madeira que nellas encontra o homem, para erigir suas primeiras construcções na zona que abre á cultura, são de valor industrial quasi nullo. As florestas industrial e commercialmente utilisaveis são as compostas de uma só ou de poucas e uniformes essencias. A multiplicidade das nossas essencias florestaes, misturadas num pequeno espaço, essa propria riqueza apparente constitue industrialmente uma verdadeira pobreza.

E' impossivel, deante de uma das nossas exuberantes florestas, num tempo dado, achar, cortar, puxar, lavrar e exportar, em condições economicamente possiveis, uma quantidade consideravel e homogenea, de madeira da mesma natureza, qualidade, resistencia e tamanho".

Assim sendo, vê-se que é de necessidade indiscutivel o estabelecimento de florestas em que não deixe a gente desorientado o numero de especies constitutivas. E' o que, felizmente, já se vae comprehendendo em o nosso paiz.

As florestas por não serem, como querem muitos, a causa das precipitações aquosas, não deixam de ter outros valores alem do industrial. Têm-nos e de relevancia. Assim, por occasião das chuvas, ellas impedem nas encostas dos montes que se formem essas correntes poderosas que, pela sua velocidade, tudo arrebatam no seu arrastão erodindo terrivelmente o terreno, vehiculando pedras de dimensões bastante avantajadas que se vão accumular nos valles e carreando toda a camada vegetal do solo, e assim volumosas, espumantes e temiveis vão formar as cheias assoberbantes de nossos rios, que tão detrimentosas são á agricultura. Já é esta uma vantagem digna de menção das florestas.

Ainda temos a notar que nellas a temperatura é mais branda que nos campos descobertos, registrando-se, ás vezes, differenças de 4.° entre uma e outra. E esta differença na temperatura é devida á copa das arvores que intercepta os raios solares e á camada das folhas que se depositam sobre o solo, tolhendo a evaporação. A agua que, por capillaridade, sobe das partes inferiores do terreno á superficie, deparando este obstaculo, que é a manta, já se não evapora como a dos campos desnudos em que o phenomeno da evaporação é tão intenso, tornando-se por isto muito deficiente o teor em humidade do solo.

Esta manta resultante da quéda das folhas, pela sua decomposição, dá o humus-corollario do trabalho de bacterias nitrificantes—e cujos beneficios na agricultura são demasiadamente reconhecidos para pormol-o em relêvo.

Ainda concorre para essa amenisação de temperatura no interior das mattas a transpiração das folhas, lançando na atmosphera uma quantidade vultosa de vapor d'agua. As cousas assim se passam durante o dia. A' noute, phenomeno inverso se observa. Emquanto nos campos desprovidos de arvores, mais baixa é a temperatura, por effeito da forte irradiação que então se produz, naquelles que são dellas cobertos se lhe nota elevação de alguns graus. Parece, como disse Pereira Coutinho, que ellas actuam como regulador, preenchendo um papel semelhante ao do mar.

Ora, em face de tão importantes fins a que se destinam as florestas, servindo de abrigo refrigerante aos que, fugindo ás soalheiras esturricantes que com tanta inclemencia se alastram em as nossas regiões, as procuram; obstando ao trabalho de erosão das correntes, e simultaneamente, em lhes quebrando as forças, impedindo que vão constituir as cheias apavorantes; transformando-se em valioso e economico combustivel, supprindo o carvão inglez que, pelo seu preço elevado, se nos tem tornado inaccessivel; ellas, por todos estes attributos, merecem ser conservadas, tornando-se apenas precisa uma substituição de arvores, tendendo o mais possivel á uniformisação das especies. Agora, demasiar-se numa colera incontida, abrindo as valvulas dos improperios e das mais torpes injurias contra os que cortam as arvores para qualquer fim util, por tel-as como providenciaes na producção de chuvas, é o que não achamos razoavel, por faltar mesmo apoio scientifico a uma tal opinião. Por aquelles fins que acima indicamos as florestas merecem ser conservadas, por estes, não.

**Lauro Montenegro**

## Um dos nossos

*O dr. Manuel Tavares, um dos talentos mais robustos da terra, que fará brevemente a sua entrada triumphal na Camara baixa do paiz, como representante da Parahyba.*

# A RENUNCIA DE RUY BARBOSA

Ruy Barbosa renuncia á vida politica, farto do fel que amargara, quota unica cabida ao eminente homem publico na partilha dos bens dessa Republica, que elle ajudou a formar com tanto carinho.

E' conhecido nestes termos o officio que Ruy enviou á secretaria do Senado Federal, cuja corporação elle illustrou e honrou por muitos annos:

«Venho trazer á mesa do Senado o mandato de senador pela Bahia que resolvi resignar, como resigno por este acto, em coherencia com as normas da minha vida.

«Busquei servir ao meu paiz e ao meu Estado natal, emquanto estive no erro de suppôr que lhes podia ser util, mas acabando afinal por ver que não tenho meio de nada conseguir a bem dos principios a que consagrei toda a minha vida e que a lealdade a essas convicções me tornou um corpo extranho na politica brasileira, renuncio o logar que quasi em continua lucta occupo neste regimen, desde o começo, deixando a vida politica para me dedicar a outros deveres.

«A' Bahia agradeço a generosidade com que, sem solicitação minha de qualquer natureza, em época alguma, me tem eleito para tal cargo, renovando-me successivamente o seu mandato, ha mais de 30 annos.

«Ao Senado, peço que me revele ter inutilisado tanto tempo em seu seio uma cadeira que muitos outros poderiam honrar, mas, sobretudo, rendo graças a Deus pela misericordia que me permittiu sahir do meio seculo de trabalhos de minha carreira militante com a consciencia desassombrada para dar com animo sereno este passo, deliberado ha mais de um anno, como era notorio aos meus amigos, e realizado agora lealmente, quando, transposta a eleição, já não os prejudico.—RUY BARBOSA».

⁂

Sabemos agora, por despachos telegraphicos, que, si os amigos e correligionarios do preclaro estadista não o apresentarem para a sua pria vaga no Congresso Federal, o partid minante da Bahia apresental-o-á áquelle do posto de representante da nação.

A attitude digna e louvavel de seus sarios politicos é merecedora dos mais fra e sinceros elogios por parte de todos os brasileiros, que sabem aquilatar a valorosa perso nalidade do illustre bahiano.

---

## OS MOÇOS

sagrada á politica: é uma especie de man çao do destino.

Surge, no jornal, algum nome ainda desconhecido e novo para o publico; e o publico aprecia e louva e mesmo admira o portador desse nome... Para logo as injuncções ardilo sas da politica attrahem esse espirito novo fertil, queimando-lhe o viço auroreal com promessas, promessas qua sempre falazes e mentirosas.

Perdem-se, assim, muitos moços de talento, aos acenos enganadores dessa miseranda poli tiquice estreita que busca transformar as intel ligencias juvenis em machinas simples, em al vancas inconscientes que apenas os salvam, na estabilidade social, pelos solavancos do dynamis mo libertativo que a evolução mental forneo ás aspirações da humanidade.

O moço é, vezes mais do que menos, um presa dos decahidos da força e dos vencidos d natura, cujo orgulho não consente o predom nio do seleccionismo generalisado em tod os tramites da vida.

Fazer jornal—principalmente nas plagas pro vincianas—é estar sujeito á corrente oscillatori da respectiva politica regional: sahir disso um perigo—e um perigo que, si não enfrent á explosão dos canhões, fica á espera da mo te... por asphyxia moral.

Nos Estados do Brasil, muito e muito ge ralmente, o jornal é um condemnado certo ou vai com o govêrno, ou morre!

Mas nesta alvorada bemdicta que illumin a fronte patriotica e ousada dos jovens belle tristas parahybanos, ha uma fonte impulsor de vitalidade nova: elles resistirão ás sedu cções mesmo feéricas da insinuação malevola perversa, mantendo-se no posto de suas qua lidades promissoras de altivez e de brio: mocidade tem, dentro de si mesma, no recon dito sagrado de seu *eu*, a orthodoxia do ca racter—uma religião cujos ritos se não enco tram compendiados em livros mas que s acham visceralmente unidos á propria vida d mocidade que é, na phrase hugoana, o *arau do futuro*.

... A revista que se estréa hoje, na arena

nalistica da Parahyba, surge com as credenciaes invejaveis de coragem civica, moral e intellectual que lhe asseguram os seus meritosos fundadores.

A alma honesta e bôa do publico parahybano vai ter, de 15 em 15 dias, um delicioso prato para gaudio de seu espirito que anda tão cançado da leitura empanturrante das noticias que não sabem do circulo estreito da politicagem ruim.

Almas de artistas, na modalisação variadissima dos feitios, alegrai-vos e exultai: ides ter alguns momentos de satisfação intima, dessa satisfação que se não compra nas feiras e que se não vende a granel pelas ruas, dessa satisfação puramente esthetica e psychica—a immortal satisfação indefinivel e incomparavel da Arte.

Louvo a mocidade intelligente e audaciosa que vai trilhar, sorrindo, uma estrada de espinhos...

ABEL DA SILVA

# DE PASSAGEM...

## I

Muitas vezes superior ao acontecimento de fevereiro ultimo realisado na Inglaterra, apresenta-se-nos o do dia 4 de março effectuado nos Estados Unidos.

John Bull e Tio Sam despertaram!

O primeiro nos informa da reabertura do parlamento inglez, com todas as pragmaticas e ceremonias regimentaes, com a classica *fala do thrôno*, enviada ou lida pelo rei Jorge (God save the king), como acontecia entre nós, a 3 de maio de cada anno, ao tempo do imperio, com a presença do ex-soberano d. Pedro de Alcantara.

O segundo fala-nos da investidura do sr. Warren Gamaliel Harding no govêrno da poderosa nação *yankee* (*all rigth*) facto de que em longos telegrammas e extensos e bemfeitos commentarios se occupam os jornaes recifenses.

Em novembro do anno transacto, quando se feriu o grande pleito do qual resultou a victoria do successor do afamado presidente Woodrow Wilson, eu li umas curiosas apreciações sobre o occupante, hoje, da *Casa Branca*, apreciações que eram para, de certo modo, impressionar á politica européa e aos decididos partidarios da *Liga das Nações*.

Por esses commentarios, nem sempre exprimindo intenções reservadas, descobriam-se, entretanto, que as idéas do presidente que entra não se casam com as do presidente que sae. Tambem os srs. Taft e Theodoro Roosevelt tiveram-nas differentes. Aliás, não representa isto uma novidade no desenrolar do grande mundo politico, onde os interesses de toda sorte estão em eterno conflicto, como uma das modalidades da psychologia humana!...

O programma, ou plataforma, do novo presidente norte-americano define bem os seus propositos, todo cioso dos seus meritos e dos seus idéses de homem publico, certamente já conhecidos no "Marion Star," de Ohio, que o antigo senador dirigia.

Discursando na occasião de sua posse, disse o presidente Harding, entre outras cousas sensacionaes, o seguinte:

«Os Estados Unidos não se negam a uma [illegible] internacional sob os principios do direito, da justiça e da aversão á guerra. Os norte-americanos são contrarios em absoluto á iniciativa que tenha caracter de um super-govêrno. Fez largas demonstrações, recebendo longos applausos, sobre a necessidade do desarmamento, declarando categoricamente que os Estados Unidos estão promptos para estimular e participar de qualquer programma tendente a diminuir as possibilidades da guerra, promovendo a fraternidade das raças.

Accrescentou que a humanidade necessita de um entendimento entre individuos, entre povos e entre govêrnos para a inauguração de uma nova era de altos sentimentos que marcará o inicio de uma nova ordem entre as nações».

... Ao Brasil, como a todo o universo, o acontecimento dos Estados Unidos interessa vivamente, sobretudo depois do Congresso de Versailles e da visita do então presidente eleito da Republica áquella nação, de que resultou a gentileza do sr. Wilson mandando trazer a bordo do *Idaho*, com todo o conforto e honras officiaes, o actual chefe da Republica Brasileira.

Mas, á hora precisamente em que escrevo estas linhas, leio, transmittidos de Londres, Paris e Berlim, via Rio de Janeiro, telegrammas verdadeiramente assustadores e alarmantes em relação á sorte da patria do ex-*kaiser* Guilherme II!

Que nova desgraça está reservada a esse paiz, que se nos afigura um convalescente de longa e depauperante molestia!

Que difficuldades para o novo govêrno norte americano, já não bastando o caso de Costa Rica a engalfinhar-se com o Panamá!

Não sei como se equilibrar o novo govêrno dos Estados Unidos com essa situação dos vizinhos a perturbar-lhe a sua paz de espirito e a embaraçar-lhe, talvez, a realisação do seu largo programma!

Eu leio, conforme disse no começo desta ligeira chronica, os commentarios da imprensa recifense sobre o grande acontecimente *yankee*.

Disseram todos os jornaes da visinha metropole da sorte do ex-presidente Wilson. Para quantos desconheciam esse revez, ficaram sabendo que os seus dois ultimos annos de govêrno correram como se tivesse elle despertado numa manhã alegre, limpida e fresca para anoitecer sob um céo de chumbo, a desencadear enorme tempestade, offuscando todas as glorias do dictador da paz...

Disto disseram muito bem S. (Salomão Filgueiras) no «Meu diario», do «Jornal do Commercio» de 6, e A. Fernandes (Annibal Fernandes) em sua apreciada secção «De uns e de outros» no *Diario de Pernambuco*, de 4 do corrente.

Desta secção destaco o seguinte trêcho:—

«Hoje Woodrow Wilson afastado do govêrno [illegible] verdade é que elle não era um propheta; não era um philosopho; não era um enviado da providencia para remodelar a sociedade corrompida.

Elle não era mais que um homem, sujeito ao erro, fraco, impotente, incapaz de luctar contra o preconceito, contra a rotina, contra os prejuizos de toda sorte.

No auge do poder e da gloria, elle se esqueceu disso e julgou-se infallivel e inabalavel. E foi isto que o fez succumbir...»

Ah! como é inconstante e caprichosa a sorte do homem *ici bas!*

GIL.

## SATYRAS

(SABBADO)

**Judas, tua vida inglória**
**Hoje fiel se retrata;**
**—Que pena tambem na Historia**
**Nossos judas de gravata**

**Não fiquem eternamente..?!**
**E agora nas alleluias**
**Não serem burlescamente**
**Todos rasgados nas ruas!!!...**

JUVENAL

# LAVOURA, INDUSTRIA E COMMERCIO.

# GUIMARÃES & IRMÃO

CONCESSIONARIOS: da Usina Jaburú e da fabrica de bebidas de F. GUIMARÃES & C.

Endereço Telegraphico: GUI

Importação directa de generos de estivas, nacionaes e extrangeiros.

**PRAÇA ALVARO MACHADO, Ns. 11, 13, 15 e 17.**

*Bananeiras*—José Fabio
*Patos*—Fabio Barreto Serrano
*Moreno*—Leoncio Costa
*Piancó*—José Parente

# Nossos correspondentes no interior

*S. Rita*—José Daniel P. de Lucena
*Espirito Santo*—Cº. José João P. da Costa
*Mamanguape*—Augusto Luna
*Ingá*—Eurico Uchôa
*Pilar*—João José Marója
*Pedras de Fogo*—Virgilio Cordeiro
*Itabayana*—Antonio Coutinho
*Guarabira*—Dr. Antonio Botto
*Pirpirituba*—Ildefonso Lucena
*Alagoinha*—Francisco Gonsalves de Almeida
*Borborema*—Felix Brasiliano
*Bananeiras*—José Fabio
*Moreno*—Leoncio Costa
*Caiçara*—Cº. Aprigio Espinola
*Belem de Caiçara*—Pedro Gaudiano
*Serraria*—Antonio Rodolpho
*Alagôa Grande*—Dr. Joaquim Rocha
*Areia*—Guttemberg Barreto
*Alagôa Nova*—Clodomiro Leal
*Esperança*—Professor Joaquim Costa
*Araruna*—Ant nio Carneiro

*Picuhy*—Manuel Gomes da Silveira
*Umbuzeiro*—Dr. Carlos Pessôa
*Campina Grande*—Lafayette Cavalcante
*Cabaceiras*—Manuel Maracajá
*Soledade*—Dr. Getulio Cesar
*Taperoá*—Dr. Felippe de Medeiros
*S. João do Cariry*—Dr. Miguel Braz
*Teixeira*—Professor Antão Ribeiro
*S. Luzia do Sabugy*—Manuel Emiliano
*Pombal*—João Queiroga
*Patos*—Fabio Barreto Serrano
*Piancó*—José Parente
*Conceição*—José Leite
*S. José de Piranhas*—Dr. José Saldanha
*Misericordia*—José Brunet
*Souza*—Francisco Benevides
*Cajaseiras*—José dos Anjos
*Alagôa do Monteiro*—Nilo Feitosa
*Princeza*—José Pereira Lima
*S. João do Rio do Peixe*—Pe. Cyrillo de Sá

OS ACREDITADOS SABONETES
MEDICINAES E PERFUMADOS DA
ABOARIA
PARAHYBANA
VISCONDE DE INHAUMA N. 122
SEIXAS IRMÃOS & COMPANHIA
FABRICA DE CURTUMES "SÃO FRANCISCO"
DE GUERRA & GUSMÃO
Grande fabrica, a vapor, de vaquetas, courinhos, carneiras, pellica, sola e raspa laminadas, raspas preparadas e beneficiamento de couros em geral.
Fabricam, pelo processo chimico do CHROMO, vaquetas pretas e de côres, pellicas, etc.
Fabricantes das vaquetas verniz-chromo marca "RESISTENTE", Bufalo branco, carneiras brancas, etc.
PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NAS EXPOSIÇÕES INTERNACIONAES DE MILÃO E MUNICIPAL DESTA CIDADE.
CODIGOS:
RIBEIRO, BOR.
GES, A, B, C, 5.ª EDIÇÃO
E PARTICULARES.
ENDEREÇOS:
TELEGRAPHICO—GUSMÃO
CAIXA POSTAL N. 40
FABRICA E ESCRIPTORIO:
LADEIRA DE SÃO FRANCISCO N. 53
PARAHYBA DO NORTE

LAVOURA, INDUSTRIA
E COMMERCIO.

# GUIMARÃES & IRMÃO

CONCESSIONARIOS: da Usina Jaburú e da fabrica de bebidas de F. GUIMARÃES & C.

Endereço Telegraphico: GUIMARÃES

CODIGOS: Ribeiro A B C 4ª edt. e 5ª edt.

Importação directa de generos de estivas, nacionaes e estrangeiros.

PRAÇA ALVARO MACHADO, Ns. 11, 13, 15 e 17.

TELEPHONE N. 124

CAIXA POSTAL, 29.